

JAMES PATTERSON

& MARK SULLIVAN



MISSÃO JOGOS OLÍMPICOS





O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Connor e Bridger, que perseguem o sonho olímpico

– M.S.

*É impossível para a mente mortal compreender os
desígnios dos deuses.*

– Píndaro

*Pois eis que, enfurecidos, os olímpianos dispararam
raios e trovões, aniquilando a Grécia.*

– Aristófanes

PRÓLOGO

Quarta-feira, 25 de julho de 2012, 11h25.

EXISTEM SUPER-HOMENS E SUPERMULHERES CAMINHANDO pela Terra.

Estou falando sério e pode levar o que eu digo ao pé da letra. Jesus Cristo, por exemplo, foi um super-homem espiritual, assim como Martinho Lutero e Gandhi. Júlio César também foi sobre-humano. O mesmo vale para Gêngis Khan, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln e Adolf Hitler.

Pense no filósofo Aristóteles e nos cientistas Galileu, Albert Einstein e Robert Oppenheimer. Considere artistas como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Vincent van Gogh – meu favorito, cuja superioridade o levou à loucura. Mas, sobretudo, não se esqueça dos seres atleticamente superiores, como Jim Thorpe, Babe Didrikson Zaharias, Jesse Owens, Larisa Latynina, Muhammad Ali, Mark Spitz e Jackie Joyner-Kersey.

Humildemente também me incluo nesse grupo sobre-humano – e com merecimento, como você logo verá.

Pessoas como eu vêm a este mundo para realizar feitos grandiosos. Nós superamos as adversidades. Queremos conquistar. Buscamos romper todos os limites – espirituais, políticos, artísticos, científicos e físicos. Buscamos consertar o que há de errado, por menores que sejam as chances. E estamos dispostos a sofrer em nome dessa grandeza, a fazer esforços imensuráveis e a enfrentar uma preparação exaustiva com o mesmo fervor de um mártir – o que, a meu ver, é um traço de caráter excepcional em qualquer ser humano, de qualquer idade.

Neste momento, devo admitir, estou me sentindo extraordinário, de pé aqui no jardim de Sir Denton Marshall, o filho da mãe mais desprezível e corrupto que já existiu.

Ele está de joelhos, de costas para mim, com minha faca encostada em sua garganta.

Ora, ora... ele não para de tremer. Está sentindo este cheiro? É o medo que faz liberar um fedor forte como o que impregna o ar depois da explosão de uma bomba.

– Por quê? – pergunta ele, ofegante.

– Você me irritou, seu monstro – respondo com um rosnado, sentindo uma raiva incontrolável partir minha cabeça ao meio e invadir cada célula do meu corpo. – Ajudou a arruinar os jogos, a transformá-los numa piada, numa aberração.

– O quê? – grita ele, fingindo espanto. – Que história é essa?

Apresento as evidências contra ele em três frases de condenação que fazem a pele do seu pescoço ficar lívida e sua carótida pulsar, roxa e repugnante.

– Não! – exclama. – É... é mentira. Você não pode fazer isso. Está completamente louco?

– Louco? Eu? Impossível. Sou a pessoa mais sã que conheço.

– Por favor – implora, com lágrimas escorrendo pelo rosto. – Tenha piedade. Estou de casamento marcado para a véspera do Natal.

Minha risada é cáustica como ácido.

– Em outra vida, Denton, devorei meus próprios filhos. Nem eu nem minhas irmãs vamos ter pena de você.

Enquanto ele se entrega de vez à incompreensão e ao terror, ergo os olhos para o céu noturno, sinto a tormenta surgir em minha mente e, mais uma vez, entendo que sou *mesmo* superior, sobre-humano, imbuído de forças que remontam a milhares de anos.

– Para os verdadeiros olímpianos, este ato de sacrifício marca o início do fim dos jogos modernos – declaro.

Puxo sua cabeça para trás, fazendo suas costas se arquearem.

E então, antes que ele possa gritar, deslizo furiosamente a lâmina da faca por sua garganta, com tanta força que a única coisa que impede sua cabeça de se desprender do corpo é a coluna.

PARTE UM

AS FÚRIAS

1

Quinta-feira, 26 de julho de 2012, 9h24.

FAZIA UM CALOR INSUPOORTÁVEL EM Londres. A camisa e o paletó de Peter Knight estavam encharcados de suor enquanto ele corria pela Chesham Street na direção norte, passando pelo hotel Diplomat e dobrando a esquina a toda a velocidade em direção a Lyall Mews, no coração de Belgravia, bairro onde ficam alguns dos imóveis mais caros do mundo.

Não permita que seja verdade, Knight gritava por dentro quando entrou no beco. *Por favor, meu Deus, não permita que seja verdade*.

Então viu um grupo de jornalistas diante da faixa de isolamento da Polícia Metropolitana de Londres, que havia fechado a rua em frente a uma casa bege, de estilo georgiano. Knight parou bruscamente e teve a sensação de que estava prestes a vomitar os ovos com bacon que comera no café da manhã.

O que iria dizer a Amanda?

Antes que conseguisse organizar os pensamentos ou acalmar o estômago, seu celular tocou. Ele tirou o aparelho do bolso e atendeu sem olhar o identificador de chamadas.

– Knight – conseguiu dizer, apesar da voz abafada. – É você, Jack?

– Não, Peter, aqui é Nancy – respondeu a voz com sotaque irlandês. – Isabel está doente.

– O quê? – grunhiu ele. – Não... faz apenas uma hora que saí de casa.

– Ela está com febre – insistiu a babá. – Acabei de medir a temperatura.

– De quanto é a febre?

– É de 37,8. Ela também está reclamando de dor de barriga.

– E Luke?

– Ele parece bem – respondeu Nancy. – Mas...

– Dê um banho frio nos dois e me ligue de novo se a febre de Isabel passar de 38 – instruiu Knight. Ele desligou o celular e engoliu a bile que queimava o fundo de sua garganta.

Magro e musculoso, com pouco mais de 1,80m de altura, rosto atraente e cabelos castanho-claros, Knight havia trabalhado como investigador de casos especiais no Old Bailey, sede do Tribunal Central Criminal da Inglaterra. Dois anos antes, porém, fora contratado pelo escritório londrino da Private, uma agência internacional de investigações, ganhando o dobro do salário e do prestígio. A Private já

tinha sido chamada de Agência Pinkerton do século XXI. Com filiais nas cidades mais importantes do mundo, empregava profissionais da mais alta categoria – peritos, especialistas em segurança e investigadores particulares como Knight.

Separe as coisas, disse a si mesmo. *Seja profissional*. Mas aquilo parecia a gota d'água. Knight já suportara muitas dores e perdas, tanto do ponto de vista pessoal quanto do profissional. Na semana anterior, seu chefe, Dan Carter, e três colegas de trabalho tinham morrido no mar do Norte, num acidente de avião que ainda estava sendo investigado. Seria ele capaz de suportar outra morte?

Deixando de lado esse pensamento e a febre da filha, Knight se forçou, apesar do calor sufocante, a caminhar depressa em direção à faixa de isolamento, contornando o aglomerado de jornalistas. Ao fazer isso, viu Billy Casper, um inspetor da Scotland Yard que conhecia havia 15 anos.

Foi direto até Casper, um homem parrudo, com o rosto marcado por cicatrizes de acne. Ele fechou a cara assim que viu Knight chegar.

– Isto aqui não é assunto da Private, Peter.

– Se o corpo for de Sir Denton Marshall, é assunto da Private, sim. E meu também – retrucou Knight, firme. – É uma questão pessoal, Billy. Foi Sir Denton quem morreu?

Casper não disse nada.

– Foi ou não foi? – insistiu Knight.

Por fim, o investigador assentiu com a cabeça, mas não pareceu contente e perguntou, desconfiado:

– Por que você e a Private estão envolvidos nisto?

Knight ficou parado alguns instantes, sentindo-se devastado e perguntando-se mais uma vez como daria aquela notícia a Amanda. Então afastou o desespero e disse:

– O Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres é cliente da Private. Logo, Sir Denton é nosso cliente também.

– E você? – indagou Casper. – Qual é o seu envolvimento pessoal nisto? Por acaso é amigo dele?

– Muito mais que isso. Ele estava noivo da minha mãe.

A expressão no rosto de Casper se abrandou um pouco e ele mordeu o lábio antes de dizer:

– Vou ver se consigo deixá-lo entrar. Elaine vai querer conversar com você.

Knight teve a sensação de que forças invisíveis conspiravam contra ele.

– É Elaine que está cuidando do caso? – perguntou, sentindo vontade de socar alguma coisa. – Não está falando sério.

– Seriíssimo, Peter – disse Casper. – Que sorte a sua.

2

A INVESTIGADORA-CHEFE ELAINE POTTERSFIELD ERA UMA das melhores profissionais a serviço da Polícia Metropolitana, uma veterana, com 20 anos de casa e um estilo belicoso e arrogante que dava resultados. Nos últimos dois anos Elaine solucionara mais assassinatos do que qualquer outro investigador da Scotland Yard. Também era a única conhecida de Knight que o desprezava abertamente.

Ela era atraente, tinha 40 e poucos anos e os grandes olhos redondos, o nariz aquilino e os cabelos grisalhos, caídos sobre os ombros, sempre faziam Knight pensar num cão da raça borzoi. Quando ele entrou na cozinha de Sir Denton Marshall, Elaine lançou-lhe um olhar de superioridade, empinando o nariz e parecendo disposta a mordê-lo se tivesse oportunidade.

– Peter – disse ela, fria.

– Elaine – respondeu Knight.

– Deixá-lo entrar na cena do crime não foi exatamente ideia minha.

– Imagino que não mesmo – retrucou Knight enquanto lutava para controlar as próprias emoções, que ficavam mais exaltadas a cada segundo. Elaine sempre tivera esse efeito sobre ele. – Mas aqui estamos. O que tem para me contar?

A investigadora passou alguns instantes sem responder. Por fim, disse:

– Faz uma hora que a empregada o encontrou no jardim. Bem... o que sobrou dele.

As lembranças de Sir Denton, o homem culto e divertido que Knight conhecera e passara a admirar ao longo dos últimos dois anos, fizeram suas pernas bambearem e ele precisou estender a mão coberta por uma luva de borracha e se apoiar na bancada.

– O que sobrou dele?

Elaine fez um gesto sombrio em direção à porta de vidro, que estava aberta.

Knight não tinha a menor vontade de ir ao jardim. Queria se lembrar de Sir Denton como na última vez em que o vira, duas semanas antes: o topete de cabelos muito brancos, a pele rosada e brilhosa, o riso fácil e contagiante.

– Entendo se você não quiser ver – disse Elaine. – O inspetor Casper me disse que sua mãe estava noiva de Sir Denton. Desde quando?

– Desde o réveillon do ano passado – respondeu Knight. Ele engoliu em seco e deu um passo em direção à porta. – O casamento estava marcado para a véspera do Natal – acrescentou com amargura. – Mais uma tragédia. Era só o que me faltava, não é?

Com a expressão contorcida de dor e raiva, Elaine baixou os olhos para o chão da cozinha enquanto Knight passava por ela e saía para o jardim.

Do lado de fora, o calor aumentava. O ar do jardim estava parado e tinha um cheiro fétido, de morte e vísceras. Sobre as pedras do pátio, litros e litros de sangue – tudo o que havia no corpo de Sir Denton – tinham escorrido e endurecido em volta de seu cadáver decapitado.

– O legista acha que a arma usada foi uma faca comprida e curva de lâmina serrilhada – disse Elaine.

Knight tornou a reprimir a ânsia de vômito. Tentou absorver toda a cena, gravá-la na mente como se fosse uma série de fotografias, e não a realidade. Manter tudo a uma distância segura era a única forma que ele conhecia de suportar algo assim.

– E, se você olhar mais de perto, vai ver que parte do sangue foi empurrada de volta em direção ao corpo com água da mangueira – disse Elaine. – Imagino que o assassino tenha feito isso para apagar pegadas e vestígios.

Knight assentiu e então, reunindo todas as forças, transferiu a atenção para além do corpo, mais para o fundo do jardim, passando pelos peritos que recolhiam indícios dos canteiros de flores e virando-se para um fotógrafo que tirava fotos junto ao muro.

Contornando o corpo, mantendo uma distância de poucos metros, pôde ver o que o fotógrafo registrava. Era um objeto da Grécia Antiga e uma das preciosidades de Sir Denton: uma estátua feita em pedra calcária que representava um senador ateniense sem cabeça, com um rolo de pergaminho no colo e empunhando o cabo de uma espada quebrada.

A cabeça de Sir Denton tinha sido posta no espaço vazio entre os ombros da estátua. O rosto estava inchado, flácido. A boca, torcida para a esquerda, parecia cuspir. E os olhos, abertos e sem brilho, deram a Knight uma chocante impressão de abandono.

Por alguns segundos, o investigador da Private sentiu que iria desabar. Mas, logo em seguida, a indignação brotou dentro dele. Quem seria o bárbaro capaz de fazer uma coisa dessas? E por quê? Que motivo haveria para decapitar Denton Marshall? Ele era um ótimo homem. Ele era...

– Você não está vendo tudo, Peter – disse Elaine atrás dele. – Dê uma olhada na grama em frente à estátua.

Knight cerrou as mãos e foi até o gramado, que roçou os protetores de papel que envolviam seus sapatos, produzindo um som irritante como o de uma unha deslizando por um quadro-negro. Foi então que ele viu. E parou imediatamente.

Cinco anéis entrelaçados, o símbolo dos Jogos Olímpicos, tinham sido pintados na grama com tinta em spray.

Por cima do símbolo alguém tinha desenhado um X com sangue.

3

QUAL É O LUGAR MAIS provável de os monstros botarem seus ovos? Que ninho os choca até a eclosão? Que detritos tóxicos alimentam os filhotes até a idade adulta?

Muitas vezes, durante as dores de cabeça que dilaceraram minha mente como os trovões e os raios de uma tempestade, fico pensando em questões como essas.

Ao ler estas linhas, você deve estar formulando suas próprias perguntas, como, por exemplo: “Quem é você?”

Meu verdadeiro nome é irrelevante. Pelo bem desta história, porém, pode me chamar de Cronos. Na mitologia grega, Cronos era o mais poderoso dos titãs, um devorador de universos, deus e senhor do tempo.

Se eu penso que sou deus?

Não seja ridículo! Esse tipo de arrogância é uma provocação à sorte. Orgulho e confiança tão grandes assim são uma afronta aos deuses. E nunca cometi esses pecados traiçoeiros.

No entanto, sou um desses seres raros que surgem na Terra a cada uma ou duas gerações. De que outra forma seria possível explicar que, muito antes de as tormentas na minha cabeça terem início, minha mais antiga lembrança seja o ódio e meu primeiro desejo tenha sido matar?

Em algum momento de meu segundo ano de vida, tomei consciência do ódio, como se ele e eu fôssemos almas gêmeas trazidas da imensidão vazia para dentro do corpo de uma criança. E, durante algum tempo, foi assim que me enxerguei: como uma ardente singularidade prenhe de ódio, jogada em um canto do chão dentro de uma caixa cheia de trapos.

Então, certo dia, como por instinto, comecei a engatinhar para fora da caixa e, com esse movimento e essa liberdade, logo entendi que era mais do que a raiva, que era uma criatura independente – que passava dias com fome e com sede, que estava nua e com frio, que ficava horas e horas sozinha, raramente tomava banho, quase nunca era pega no colo pelos monstros à sua volta, como se fosse algum tipo de alienígena surgido entre eles. Foi então que tive meu primeiro pensamento objetivo: quero matá-los.

Tive esse impulso selvagem muito antes de entender que meus pais eram viciados em drogas, incapazes de criar um ser superior como eu.

Quando eu tinha 4 anos, pouco depois de cravar uma faca de cozinha na coxa de minha mãe, que estava desacordada, uma mulher apareceu no lugar imundo onde morávamos e me tirou de vez dos meus pais. Fui levado para uma instituição e obrigado a conviver com monstros abandonados, cheios de ódio e desconfiados de qualquer um.

Logo entendi que eu era mais esperto, mais forte e mais visionário do que todos eles. Aos 9 anos ainda não sabia exatamente o que eu era, mas achava que talvez pertencesse a alguma espécie diferente, uma supercriatura capaz de manipular, dominar ou destruir qualquer monstro em meu caminho.

Tive certeza disso quando começaram as tormentas em minha cabeça.

Eu tinha 10 anos. Meu pai adotivo, a quem chamávamos de pastor Bob, estava dando uma surra de cinto em um dos monstros e não suportei ouvir aquilo. A choradeira me deixou fraco e não consegui suportar essa sensação. Saí de casa, pulei a cerca dos fundos e perambulei pelas piores ruas de Londres até encontrar silêncio e conforto na pobreza familiar de um prédio abandonado.

Já havia dois monstros lá dentro. Eram mais velhos do que eu, adolescentes, e faziam parte de uma gangue de rua. Percebi de cara que tinham usado drogas. Disseram que eu invadira o território deles.

Tentei usar minha velocidade para escapar, mas um deles atirou uma pedra que me acertou a mandíbula. Fiquei tonto e caí. Eles riram e ficaram ainda mais irritados. Começaram a atirar mais pedras, que quebraram minhas costelas e romperam vasos sanguíneos em minha coxa.

Foi então que senti o forte impacto acima da minha orelha esquerda, seguido por uma explosão de cores que varou meu cérebro como os braços deformados de centenas de raios rasgando um céu de verão.

4

OLHANDO ORA PARA O SÍMBOLO olímpico riscado com sangue, ora para a cabeça decapitada do noivo de sua mãe, Peter Knight se sentia impotente.

A investigadora-chefe se aproximou dele. Em voz baixa, pediu:

– Fale-me sobre Sir Denton.

Engolindo o sofrimento, Knight respondeu:

– Denton era um homem incrível, Elaine. Administrava um grande fundo de investimento, ganhava rios de dinheiro, mas doava quase tudo para caridade. Também era um membro importantíssimo do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres. Muitas pessoas acham que, sem o esforço de Sir Denton, nunca teríamos derrotado Paris na disputa para sediar as Olimpíadas. E ele fazia minha mãe muito feliz.

– Não achei que isso fosse possível – observou Elaine.

– Nem eu. Nem ela mesma. Mas é verdade – disse Knight. – Até agora, eu achava que Denton Marshall não tinha um inimigo sequer.

Elaine fez um gesto em direção ao símbolo olímpico coberto de sangue.

– Talvez isso tenha mais a ver com as Olimpíadas do que com quem ele era nas outras áreas da vida.

Knight encarou a cabeça de Sir Denton Marshall e tornou a olhar para o corpo, antes de dizer:

– Pode ser. Ou talvez seja só para nos despistar. Cortar a cabeça de alguém pode ser facilmente interpretado como um ato de fúria, o que quase sempre é pessoal.

– Está dizendo que poderia ser algum tipo de vingança? – indagou Elaine.

Knight deu de ombros.

– Ou um ato político. Ou a obra de uma mente insana. Ou uma combinação dos três. Não sei.

– Você sabe onde Amanda estava ontem, entre onze horas e meia-noite e meia? – perguntou Elaine de repente.

Knight olhou-a como se ela fosse uma imbecil.

– Minha mãe amava Denton.

– A decepção amorosa pode ser uma grande motivação para a raiva – observou a investigadora-chefe.

– Não houve decepção nenhuma – disparou Knight. – Eu teria sabido. Além do mais, você já viu minha mãe. Ela mede 1,65m e pesa 50 quilos. Denton tinha 100 quilos. Minha mãe não teria força física nem emocional para cortar a cabeça dele. Isso sem falar na ausência de motivo.

– Então você sabe onde ela estava? – insistiu Elaine.

– Vou descobrir e lhe direi. Mas antes tenho que contar a ela.

– Se você achar melhor, eu posso contar.

– Não. Eu mesmo faço isso, pode deixar – disse Knight, analisando a cabeça de Sir Denton pela última vez e concentrando o olhar na forma como a boca estava retorcida, como se o morto estivesse tentando cuspir alguma coisa.

Knight pegou no bolso uma lanterna do tamanho de uma caneta, contornou

o símbolo olímpico e apontou o facho de luz para o espaço entre os lábios de Sir Denton. Viu o brilho de algo lá dentro e tornou a levar a mão ao bolso em busca de uma pinça que sempre levava consigo para o caso de querer pegar algum objeto sem tocá-lo.

Recusando-se a fitar os olhos mortos do noivo da mãe, começou a manejar a pinça entre os lábios do cadáver.

– Peter, pare com isso – ordenou Elaine. – Você está...

Mas Knight já se virava para ela, mostrando-lhe uma moeda de bronze manchada que havia retirado da boca de Sir Denton.

– Nova teoria – disse ele. – O motivo foi dinheiro.

5

QUANDO RECOBREI A CONSCIÊNCIA, VÁRIOS dias depois de ter sido apedrejado, estava internado por causa de um traumatismo craniano e com a nauseante sensação de que, sem saber como, tinha sido reprogramado para me tornar ainda mais alienígena do que antes.

Lembrava-me de cada detalhe do ataque e dos agressores. No entanto, quando a polícia me perguntou o que havia acontecido, falei que não tinha a menor ideia. Disse que me lembrava de ter entrado no prédio e eles logo pararam de fazer perguntas.

Recuperei-me aos poucos. Uma cicatriz em forma de caranguejo se formou no meu couro cabeludo. Os cabelos tornaram a crescer e a esconderam. Comecei a acalantar uma fantasia sombria, que se tornou minha primeira obsessão.

Duas semanas depois voltei para a casa do pastor Bob e dos monstros. Até eles perceberam que eu havia mudado. Não era mais um menino malcomportado. Passei a sorrir e agir como se estivesse feliz. Comecei a estudar e a cuidar do corpo.

O pastor Bob pensou que eu tivesse encontrado Deus.

Mas confesso que fiz tudo isso motivado pelo ódio. Acariciava a cicatriz em minha cabeça e concentrava meu ódio, meu mais antigo aliado emocional, em coisas que queria possuir ou desejava que acontecessem. Com o coração duro, ia atrás de todas elas, tentando mostrar ao mundo inteiro quão diferente eu era. E, embora em público eu agisse como se tivesse mudado – o menino solidário, feliz, bem-sucedido –, nunca me esqueci do apedrejamento nem das tormentas que o incidente desencadeara em minha mente.

Aos 14 anos comecei a procurar secretamente os monstros que me agrediram. Acabei encontrando os dois vendendo saquinhos de metanfetamina por 10 libras em uma esquina a 12 quadras de onde eu morava com o pastor Bob e os monstros.

Vigiei-os até que completei 16 anos. Foi quando me senti grande e forte o suficiente para agir.

Antes de encontrar Jesus, o pastor Bob trabalhara como ferreiro. No sexto aniversário do meu apedrejamento, peguei um de seus martelos mais pesados e um de seus antigos macacões de trabalho e saí de fininho à noite, quando todos pensavam que eu estivesse estudando.

Vestido com o macacão e levando o martelo dentro de uma mochila que eu catara no lixo, encontrei os dois monstros. Seis anos fazendo uso de drogas e meu desenvolvimento físico haviam me apagado de sua memória.

Com o intuito de atraí-los até um terreno baldio, prometi que lhes daria dinheiro. Chegando lá, martelei seus cérebros de monstro até transformá-los em uma papa ensanguentada.

6

POUCO DEPOIS DE A INVESTIGADORA-CHEFE Elaine Pottersfield mandar recolher os restos mortais de Sir Denton, Knight saiu do jardim e da mansão tomado por um temor ainda maior do que sentira ao chegar.

Passou por baixo da faixa de isolamento, esquivou-se dos jornalistas e saiu de Lyall Mews imaginando como daria à mãe a notícia da morte de Denton. Sabia que tinha que fazer isso logo, antes que Amanda ficasse sabendo por outra pessoa. Não queria de jeito nenhum que ela estivesse sozinha quando descobrisse que a melhor coisa que acontecera em sua vida havia...

– Knight? – chamou uma voz de homem. – É você?

Knight ergueu os olhos e viu um homem alto e atlético, de 40 e poucos anos, vestido com um terno italiano de boa qualidade, correndo em sua direção. Por baixo dos cabelos grisalhos e cheios, seu rosto largo estava afogueado e contorcido de aflição.

Knight havia encontrado Michael Lancer, ou Mike, apenas duas vezes no escritório londrino da Private desde que a agência fora contratada para agir como uma força de segurança especial durante os jogos olímpicos. No entanto, já conhecia bem sua reputação.

Bicampeão mundial de decatlo nas décadas de 1980 e 1990, Lancer servira no Regimento Coldstream e na Guarda da Rainha, o que lhe permitira treinar em tempo integral. Durante as Olimpíadas de Barcelona, em 1992, no fim do primeiro dia do decatlo, ele estava liderando a competição, mas no segundo dia teve câibras por causa do calor e da umidade e acabou não conseguindo se colocar entre os 10 primeiros.

Desde então ganhava a vida dando palestras sobre motivação e prestando consultoria em segurança. Frequentemente trabalhava com a Private em grandes projetos. Também era integrante do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres, responsável pela segurança do megaevento.

– É verdade? – perguntou Lancer com a voz alterada. – Denton está morto?

– Infelizmente sim, Mike – respondeu Knight.

Os olhos de Lancer se encheram de lágrimas.

– Quem faria uma coisa dessas? Por quê?

– Parece que foi alguém que odeia as Olimpíadas – disse Knight e em seguida explicou como Sir Denton fora assassinado e falou sobre o X feito com sangue.

Abalado, Lancer perguntou:

– Vocês têm ideia de quando isso aconteceu?

– Pouco antes da meia-noite – informou Knight.

Lancer balançou a cabeça.

– Quer dizer então que estive com ele apenas duas horas antes. Ele estava saindo da festa da Tate com... – Ele se interrompeu e olhou para Knight com uma expressão triste.

– Com minha mãe, provavelmente – emendou Knight. – Eles estavam noivos.

– É, eu sabia que você era filho dela – disse Lancer. – Meus pêsames, Peter. Amanda já sabe?

– Vou contar para ela agora.

– Coitado de você – comentou Lancer, olhando então para a faixa de isolamento. – Os jornalistas já chegaram?

– Um bom número deles, e ainda virão mais – respondeu Knight.

Lancer balançou a cabeça com amargura.

– Com todo o respeito e carinho que Denton merece, essa era a última coisa de que precisávamos antes da cerimônia de abertura de amanhã. Daqui a pouco o mundo inteiro estará sabendo de cada detalhe mórbido.

– Não há nada que se possa fazer para impedir isso – disse Knight. – Talvez seja bom intensificar a segurança de todos os membros do comitê organizador.

Lancer deu um muxoxo, em seguida aquiesceu.

– Tem razão. É melhor eu pegar um táxi e voltar para o escritório. Marcus vai querer ouvir essa notícia pessoalmente.

Marcus Morris, um político que abandonara a vida pública nas últimas eleições, era o presidente do Comitê Organizador de Londres.

– Minha mãe também – disse Knight, e os dois caminharam juntos em direção à Chesham Street, onde seria mais fácil pegar um táxi.

De fato, mal tinham chegado lá quando um táxi preto se aproximou pelo outro lado da rua, vindo da direção sul, bem em frente ao hotel Diplomat. Ao mesmo tempo, um táxi vermelho veio do norte descendo a pista em cuja calçada eles estavam. Knight fez sinal.

Lancer chamou o táxi preto e disse:

– Mande meus sentimentos a sua mãe. E diga a Jack que ligarei para ele mais tarde.

Jack Morgan era o americano dono da Private. Estava em Londres desde que o avião com quatro integrantes da filial da agência caíra no mar do Norte sem deixar sobreviventes.

Lancer desceu o meio-fio e seguiu confiante, atravessando a rua em diagonal enquanto o táxi vermelho se aproximava.

Então, para seu horror, Knight ouviu o ronco de um motor e pneus cantando.

O táxi preto estava acelerando direto para cima do integrante do comitê.

7

KKNIGHT REAGIU POR INSTINTO. PULOU para o meio da rua e empurrou Lancer, tirando-o da frente do táxi.

Um segundo depois, sentiu o para-choque do táxi preto a menos de um metro de distância e tentou dar um salto para não ser atingido. Ele não conseguiu impulso suficiente para sair da trajetória do táxi. O para-choque e a grade dianteira do veículo atingiram sua canela e seu joelho esquerdos. O motorista não parou.

Knight foi lançado ao ar. Seus ombros, seu peito e seus quadris bateram com força no capô e ele deu de cara no para-brisa, o que lhe permitiu ver o motorista por uma fração de segundo. Um lenço. Óculos escuros. Seria uma mulher?

Ele foi jogado por cima do teto do carro como se fosse uma boneca de pano. Caiu com todo o seu peso sobre o lado esquerdo do corpo. O choque o deixou sem ar e, durante alguns instantes, tudo o que conseguiu perceber foi a traseira

do táxi preto se afastando em alta velocidade, o cheiro da fumaça do cano de descarga e suas têmperas latejando.

Então pensou: *Parece milagre, mas acho que não quebrei nada.*

O táxi vermelho avançou cantando pneus na direção de Knight e ele entrou em pânico, pensando que, no fim das contas, seria mesmo atropelado.

Mas o carro deu um giro de 180 graus e parou com uma leve derrapada. O motorista, um velho rastafári com os *dreads* cobertos por um gorro de crochê verde e dourado, abriu a porta e saltou.

– Knight, não se mexa! – gritou Lancer, correndo até ele. – Você está ferido!

– Eu estou bem – rebateu Knight com a voz rouca. – Mike, vá atrás daquele táxi.

Lancer hesitou, mas Knight insistiu:

– Ela está fugindo!

Lancer ergueu Knight pelas axilas e o levou até o banco traseiro do táxi vermelho. Em seguida gritou para o motorista:

– Siga aquele táxi!

Com as mãos nas costelas, Knight ainda lutava para recuperar o fôlego quando o rastafári saiu atrás do táxi preto, que, a essa altura, já estava a vários quarteirões de distância e fazia uma curva rápida para entrar na Pont Street, no sentido oeste.

– Vou pegá-la, cara! – prometeu o taxista. – Aquela louca tentou matar você!

Lancer olhava alternadamente para a rua à sua frente e para Knight.

– Tem certeza de que está bem?

– Estou todo dolorido e vou ficar cheio de hematomas – grunhiu Knight. – E não era a mim que ela queria atropelar, Mike. Era *ocê*.

O taxista entrou a toda a velocidade na Pont Street, indo na direção oeste. O táxi preto estava dois quarteirões à frente e as luzes de freio piscaram antes de o carro fazer uma curva fechada para entrar na Sloane Street.

O rastafári pisou fundo no acelerador e a rua arborizada virou um borrão. Chegaram ao cruzamento com a Sloane tão depressa que Knight teve certeza de que iriam alcançar a mulher que quase o matara.

Mas então dois outros táxis pretos passaram depressa por eles, ambos seguindo a Sloane Street no sentido norte, e o rastafári foi obrigado a frear e a dar uma guinada com o volante para não bater. O táxi em que eles estavam derrapou e quase colidiu com outro carro: uma viatura da Polícia Metropolitana.

A sirene começou a tocar. As luzes se acenderam.

– Não! – berrou Lancer.

– Cara, é sempre assim! – gritou o taxista, frustrado, diminuindo a velocidade até parar.

Tonto e zangado, Knight balançou a cabeça e, pelo para-brisa, viu o táxi que o atropelara se misturar ao tráfego que seguia em direção ao Hyde Park.

8

FLECHAS BRILHANTES ZUMBIAM E RASGAVAM o ar quente do meio da manhã. Iam se enterrar no centro e ao redor dos alvos: círculos amarelos rodeados por outros maiores, vermelhos e azuis, numa longa série de alvos montados sobre o gramado verde-claro do estádio Lord's Cricket Grounds, perto do Regent's Park, no centro de Londres.

Arqueiros de seis ou sete países terminavam a última rodada de treinos. O arco e flecha seria uma das primeiras modalidades disputadas após o início das Olimpíadas de Londres. A competição de equipes estava marcada para o meio da manhã de sábado, dali a dois dias, e a cerimônia de entrega das medalhas aconteceria nessa mesma tarde.

Era por isso que Karen Pope estava na arquibancada, olhando por um binóculo, com todo o tédio que sentia estampado no rosto.

Ela era jornalista esportiva do *The Sun*, tabloide britânico que se orgulha de ter mais de sete milhões de leitores graças a seu jornalismo agressivo, desleal, e à tradição de publicar fotos de moças de peito de fora na página 3.

Karen tinha 30 e poucos anos e era bonita ao estilo da atriz Renée Zellweger em *O diário de Bridget Jones*, mas tinha o busto tão pequeno que jamais seria cogitada para estampar a página 3. Era também uma repórter tenaz, além de extremamente ambiciosa.

Nessa manhã, trazia pendurada no pescoço uma credencial de imprensa de acesso irrestrito aos jogos. Apenas 14 dessas haviam sido concedidas ao *The Sun*. O número de credenciais fora muito limitado para a imprensa britânica, pois mais de 20 mil jornalistas de todo o mundo também estariam em Londres para cobrir os 17 dias do megaevento. Pelo menos para os jornalistas britânicos, as credenciais de acesso irrestrito tinham se tornado quase tão valiosas quanto medalhas olímpicas.

Karen não parava de pensar que deveria se sentir feliz por ter conseguido a credencial e por estar ali cobrindo os jogos, mas até aquele momento não conseguira encontrar nada sobre arco e flecha que merecesse virar notícia.

Ela fora procurar os sul-coreanos, favoritos à medalha de ouro, mas descobriu que eles tinham encerrado o treino antes de ela chegar.

– Droga! – reclamou. – Finch vai me matar.

Concluiu então que sua melhor opção era levantar dados para uma matéria que, com um bom texto, talvez até pudesse ser publicada. Mas que tipo de matéria? Com que gancho?

Arco e flecha: A versão chique dos dardos?

Não. Não havia absolutamente nada de chique no arco e flecha.

Pelo amor de Deus, o que ela entendia de arco e flecha? Fora criada numa família que gostava de futebol. Mais cedo nessa manhã, tentara explicar a Finch que seria melhor mandá-la cobrir o atletismo ou a ginástica. Mas seu editor lhe lembrara muito claramente que fazia apenas seis meses que ela trabalhava no jornal, vinda de Manchester, e que, por isso, ocupava o lugar mais baixo na hierarquia da redação de esportes.

– Consiga uma matéria importante que eu lhe dou pautas melhores – dissera Finch.

Karen obrigou-se a prestar atenção nos arqueiros. Percebeu que os atletas pareciam muito calmos. Era quase como se estivessem em transe. Não lembravam em nada um rebatedor de críquete ou um tenista. Será que ela deveria escrever sobre isso? Descobrir como os arqueiros chegavam a tal estado de concentração?

Ai, sério, pensou, irritada. Quem vai querer ler sobre atletas zen na página de esportes quando pode olhar os peitos da página 3?

Ela suspirou, largou o binóculo e mudou de posição em sua cadeira da Grand Stand, a tribuna do estádio em que estava sentada. Reparou no maço de correspondência que pegara e enfiara na bolsa ao sair da redação. Deu uma olhada nos envelopes e encontrou vários releases de imprensa e outros papéis que não despertavam nenhum interesse.

Então viu um envelope grosso de papel pardo, com seu nome e o título escritos na frente, em estranhas letras de fôrma pretas e azuis.

A jornalista torceu o nariz como quem acaba de sentir um cheiro ruim. Tinha certeza de que recentemente, pelo menos desde que chegara a Londres, não havia escrito nada que justificasse uma carta de insultos. Todo repórter com um mínimo de valor recebe cartas desse tipo. É fácil reconhecê-las. Em geral chegavam depois de você assinar algum texto controverso ou sugerir uma conspiração diabólica.

Ela abriu o envelope mesmo assim e tirou de dentro dele um maço de 10 páginas. Preso a elas por um clipe havia um cartão simples dobrado ao meio. Não havia nada escrito no cartão. Ao abri-lo, porém, ela ativou um pequeno chip e

uma flauta começou a tocar uma estranha melodia que a deixou arrepiada e a fez pensar que alguém tinha acabado de morrer.

Karen fechou o cartão e olhou a primeira página do maço que tinha nas mãos. Era uma carta endereçada a ela, escrita em uma dúzia de fontes diferentes, o que dificultava a leitura. No entanto, começou a entender o teor da carta e a releu três vezes. Seu coração batia mais depressa a cada linha, até que ela começou a sentir sua garganta latejar.

Deu uma olhada rápida no restante dos papéis presos à carta e ao cartão e achou que fosse desmaiar. Descontrolada, enfiou a mão na bolsa para pegar o celular e ligou para seu editor.

– Finch, sou eu, Karen – falou, ofegante, assim que ele atendeu. – Pode me dizer se Denton Marshall foi assassinado?

Com um sotaque londrino carregado, Finch respondeu:

– O quê? Sir Denton Marshall?

– É. Aquele magnata do fundo de investimento, filantropo, integrante do comitê organizador – explicou ela, recolhendo seus pertences e já procurando a saída mais próxima do estádio. – Por favor, Finch, talvez eu tenha um grande furo.

– Espere um instante – rosnou o editor.

A jornalista já estava na rua e tentava pegar um táxi em frente ao Regent's Park quando o editor finalmente voltou à linha.

– A casa de Sir Denton em Lyall Mews está isolada pela polícia e a van do médico-legista acabou de chegar.

– Finch, você vai ter que arrumar outra pessoa para cobrir o arco e flecha e a equitação – vibrou Karen. – O furo que acabei de conseguir vai sacudir Londres feito um terremoto.

9

– **LANCER DISSE QUE VOCÊ SALVOU** a vida dele – comentou Elaine Pottersfield.

Um paramédico examinava Knight, que fazia uma série de caretas sentado no para-choque de uma ambulância junto à calçada da Sloane Street, a poucos metros do táxi vermelho do rastafári.

– Eu só reagi – insistiu Knight, com o corpo todo dolorido e a sensação de que o calor que subia da calçada o fritava.

– Você se arriscou – afirmou a investigadora-chefe com frieza.

Knight ficou irritado:

– Você acabou de dizer que salvei a vida dele.

– E quase perdeu a sua – retrucou ela. – O que teria acontecido... – Ela fez uma pausa. – Com as crianças?

– Elaine, vamos deixar as crianças fora disso – esbravejou ele. – Eu estou bem. As câmeras da rua devem ter filmado aquele táxi.

Londres tinha 10 mil câmeras de circuito fechado espalhadas pela cidade, todas ligadas 24 horas por dia. Várias funcionavam desde os atentados no metrô, em 2005, que tinham deixado 56 mortos e mais de 700 feridos.

– Vamos checar – prometeu Elaine. – Agora, encontrar um táxi preto em Londres? Como nenhum de vocês anotou a placa, vai ser quase impossível.

– Não se vocês limitarem a busca a esta rua, sentido norte, no horário aproximado em que ela fugiu. E liguem para todas as empresas de táxi. Devo ter amassado um pouco o capô ou a frente do carro dela.

– Tem certeza de que era uma mulher? – indagou Elaine, cética.

– Tenho – insistiu Knight. – Uma mulher de lenço e óculos escuros. E muito nervosa.

A investigadora-chefe da Scotland Yard lançou um olhar rápido para Lancer, que estava sendo entrevistado por outro policial.

– Ele e Sir Denton – comentou ela. – Ambos integrantes do comitê organizador.

Knight assentiu com a cabeça.

– Eu começaria logo a procurar pessoas que tenham alguma rixa com o comitê.

Elaine não respondeu, pois Lancer se aproximava. Ele havia afrouxado a gravata e estava secando o suor da testa com um lenço.

– Obrigado – disse a Knight. – Fico lhe devendo uma.

– Não foi nada que você também não teria feito por mim – respondeu Knight.

– Vou ligar para Jack – disse Lancer. – Contar para ele o que você fez.

– Não precisa – disse Knight.

– Precisa, sim – insistiu Lancer. Ele hesitou. – Gostaria de retribuir.

Knight balançou negativamente a cabeça.

– O comitê é cliente da Private, Mike, o que significa que você também é. Não fiz nada que não fosse parte do trabalho.

– Não, você... – Lancer hesitou antes de completar o raciocínio: – Você é meu convidado para a cerimônia de abertura amanhã.

O convite deixou Knight sem ação. Os ingressos para a cerimônia de abertura eram quase tão valiosos quanto tinham sido os convites para o casamento do príncipe William com Kate Middleton em 2011.

– Se eu conseguir uma babá para ficar com as crianças, aceitarei.

O rosto de Lancer se iluminou.

– Vou pedir que minha secretária mande uma credencial e os ingressos para você amanhã de manhã. – Ele deu um tapinha no ombro não machucado de Knight, sorriu para Elaine e então se afastou, indo em direção ao taxista rastafári, que ainda se explicava aos guardas de trânsito que o haviam parado.

– Vou precisar que você preste depoimento formal – disse Elaine para Knight.

– Não vou fazer nada antes de falar com minha mãe.

10

VINTE MINUTOS DEPOIS, UMA VIATURA da Polícia Metropolitana deixou Knight em frente à casa de sua mãe, na Milner Street, Knightsbridge. Os paramédicos tinham lhe oferecido analgésicos, mas ele não aceitara. Descer da viatura da polícia foi terrível e ele não parava de se lembrar, em flashes, de uma linda mulher grávida em pé no meio de um pântano ao pôr do sol.

Felizmente conseguiu tirá-la da cabeça ao tocar a campainha, subitamente dando-se conta de como suas roupas estavam sujas e rasgadas.

Amanda não iria gostar nada daquele visual. Nem ela nem...

A porta foi aberta por Gary Boss, assistente particular de sua mãe havia muitos anos. Boss já tinha passado dos 30, era magro, bem cuidado e usava roupas impecáveis.

Observou Knight piscando por trás dos óculos redondos de aro de tartaruga.

– Peter, eu não sabia que você tinha hora marcada – falou.

– O filho único dela não precisa marcar hora – respondeu Knight. – Pelo menos não hoje.

– Ela está ocupadíssima – insistiu Boss. – Sugiro que...

– Denton morreu, Gary – disse Knight em voz baixa.

– O quê? – retrucou Boss, antes de remexer o corpo com uma atitude de desdém. – Impossível. Ela esteve com ele ontem mesmo...

– Foi assassinado – acrescentou Knight, entrando. – Vim direto da cena do crime. Preciso contar para ela.

– Assassinado? – repetiu Boss e então sua boca se escancarou. Fechou os olhos, como se previsse um grande sofrimento. – Meu Deus. Ela vai ficar...

– Eu sei – disse Knight, passando por ele. – Onde ela está?

– Na biblioteca – respondeu Boss. – Escolhendo tecidos.

Knight fez uma careta. Sua mãe detestava ser interrompida quando estava examinando amostras de tecidos.

– Não tem outro jeito – falou, atravessando o hall em direção à porta dupla que levava à biblioteca e se preparando para contar à mãe que ela acabara de ficar viúva pela segunda vez.

Quando Knight tinha 3 anos, seu pai, Harry, morrera num terrível acidente na fábrica em que trabalhava, deixando um parco seguro para a jovem viúva e o filho. A perda deixara sua mãe amargurada, mas ela transformou essa amargura em energia. Como sempre gostara de moda e costura, usou o dinheiro do seguro para criar uma empresa de roupas que batizou com o próprio nome.

A Amanda Designs tinha nascido na cozinha de sua casa. Knight se lembrava de como a mãe parecia considerar a vida e o trabalho uma luta longa e sem fim. Mas esse estilo beligerante rendera frutos. Quando Knight completou 15 anos, sua mãe já havia transformado a Amanda Designs numa empresa sólida e respeitável, graças à sua atitude eternamente insatisfeita e sempre pressionando todos à sua volta para que dessem o melhor de si. Pouco depois de Knight se formar no Christ Church College, em Oxford, a mãe vendera ações da empresa no valor de dezenas de milhões de libras e usara o dinheiro para lançar outras quatro linhas de roupas, todas bem-sucedidas.

Durante todo esse tempo, porém, Amanda nunca se permitira apaixonar-se de novo. Tivera amigos, namorados e, Knight desconfiava, vários casos passageiros. No entanto, desde o dia em que Harry morrera, Amanda havia erguido ao redor de seu coração uma muralha intransponível que ninguém a não ser o filho conseguia romper.

Até Denton Marshall entrar em sua vida.

Os dois tinham se conhecido em um evento beneficente em prol das vítimas de câncer e, como sua mãe gostava de dizer, “foi tudo à primeira vista”. Naquela noite, Amanda deixou de ser uma megera fria e distante e se transformou em uma colegial boba com sua primeira paixão. Desse dia em diante, Sir Denton havia sido sua alma gêmea, seu melhor amigo, a fonte da mais profunda felicidade de sua vida.

Knight teve outro flash da imagem da mulher grávida, bateu na porta da biblioteca e entrou.

Amanda Knight era uma mulher elegante, independentemente dos padrões de avaliação: com 50 e tantos anos, tinha a postura de uma bailarina, a beleza de uma atriz de cinema e a atitude de uma rainha benevolente. Estava de pé diante de uma mesa de trabalho coberta com dúzias de amostras de tecidos.

– Gary – repreendeu ela sem erguer os olhos. – Avisei que não queria ser...

– Sou eu, mãe – disse Knight.

Amanda virou seus olhos cor de ardósia para o filho e franziu o cenho.

– Peter, Gary não disse que eu estava escolhendo... – Então, percebendo algo no semblante de Knight, ela se calou. Em seguida fez uma careta de reprovação.

– Nem precisa me dizer: aquelas pestes dos seus filhos puseram mais uma babá para correr.

– Não – respondeu Knight. – Queria que fosse algo simples assim.

Então ele se viu obrigado a estilhaçar em mil pedacinhos a felicidade da mãe.

11

SE QUISER MATAR MONSTROS, VOCÊ precisa aprender a pensar como eles.

Só entendi isso na noite seguinte à explosão que partiu minha cabeça pela segunda vez, 19 anos depois de eu ter sido apedrejado.

Já havia tempo que eu deixara Londres. Meu primeiro plano para mostrar ao mundo que eu era mais que diferente – que era infinitamente superior a qualquer outro ser humano – tinha sido frustrado.

Os monstros haviam vencido a guerra contra mim valendo-se de subterfúgios e sabotagem. Consequentemente, quando aterrissei nos Bálcãs no final da primavera de 1995 como membro de uma missão de paz da Otan, meu ódio não tinha limites. Sua profundidade e dimensão eram insondáveis.

Depois do que tinham feito comigo, não era paz que eu queria.

Queria violência. Sacrifício. Sangue.

Então talvez seja possível dizer que o destino interveio a meu favor cinco semanas depois de minha transferência para os campos de batalha castigados, instáveis e muito perigosos da Sérvia, da Croácia e da Bósnia-Herzegovina.

Era julho, fim de tarde, numa estrada poeirenta a quase 30 quilômetros da cidade sitiada de Srebrenica, no vale do rio Drina. Eu estava no banco do carona de um Land Cruiser camuflado da Toyota, olhando pela janela, usando um capacete e um colete à prova de balas.

Lia um livro sobre mitologia grega que pegara emprestado e pensei que aquela paisagem balcânica maltratada pela guerra poderia ter servido de cenário a um mito escuro e perverso. Rosas selvagens floresciam por toda parte em volta dos cadáveres mutilados que tínhamos visto por ali, vítimas das atrocidades de algum dos campos adversários.

A bomba explodiu sem aviso.

Não me lembro do barulho da explosão que matou o motorista, os dois outros passageiros e destruiu o utilitário. Mas ainda posso sentir o cheiro da cordite e do diesel queimado.

E ainda posso sentir o golpe secundário do punho invisível que me atingiu com toda a força, fazendo meu corpo atravessar o para-brisa e desencadeando uma tempestade elétrica de proporções gigantescas dentro do meu crânio.

Já estava anoitecendo quando recobrei os sentidos. Meus ouvidos zumbiam, eu estava atordoado e enjoado. De início, achei que tivesse 10 anos e houvesse acabado de ser apedrejado até desmaiar. Mas então o balanço e o rodopio dentro da minha cabeça diminuíram o bastante para que eu pudesse distinguir os restos fumegantes do Land Cruiser e os cadáveres de meus colegas, irreconhecíveis de tão carbonizados. Ao meu lado, vi uma submetralhadora Sterling e uma pistola Beretta, que haviam caído do veículo.

Quando consegui me levantar, pegar as armas e sair andando, já estava escuro.

Percorri vários quilômetros de floresta, cambaleando e caindo, antes de chegar a um vilarejo em algum lugar a sudoeste de Srebrenica. Entrei no povoado com as armas na mão e ouvi alguma coisa acima do zumbido que ainda ecoava em meus ouvidos. Em algum lugar na escuridão à minha frente, homens gritavam.

Aquelas vozes zangadas me atraíram e, enquanto caminhava em direção a elas, senti o ódio, meu velho amigo, ganhar força dentro de mim, um ódio irracional que me instigava a matar alguém.

Qualquer um.

12

OS HOMENS ERAM BÓSNIOS, SETE ao todo, armados com velhos fuzis de um cano só e espingardas enferrujadas que usavam para cutucar três adolescentes algemadas à sua frente, como se tocassem o gado para o curral.

Um deles me viu, deu um grito, e todos viraram as armas na minha direção. Por motivos que só consegui explicar a mim mesmo bem mais tarde, não abri fogo para matar todos eles, os homens e as adolescentes, ali mesmo.

Em vez disso, disse-lhes a verdade: que fazia parte da missão de paz da Otan, que nosso jipe tinha explodido e que eu precisava ligar para minha base. Isso pareceu acalmá-los e eles abaixaram as armas e me deixaram ficar com as minhas.

Um deles falava um pouco de inglês e disse que eu podia ligar da delegacia do vilarejo, para onde estavam indo.

Perguntei por que as meninas tinham sido presas e o que falava inglês respondeu:

– São criminosas de guerra. Fazem parte de um esquadrão da morte sérvio que trabalha para Mladić, aquele demônio. São conhecidas como as Fúrias. Essas meninas matam rapazes bósnios. Muitos. Todas elas. Pode perguntar à mais velha. Ela fala inglês.

Fúrias?, pensei, interessado. Tinha lido sobre as Fúrias na véspera, num livro de mitologia grega. Apertei o passo para poder estudá-las, principalmente a mais velha, que tinha sobranceiras grossas, um ar azedo, cabelos pretos também grossos e olhos escuros, sem vida.

Fúrias? Aquilo não podia ser coincidência. Do mesmo jeito que eu acreditava que o ódio era um presente que eu havia recebido ao nascer, passei a acreditar que aquelas moças tinham sido postas no meu caminho por algum motivo.

Apesar da dor em meu crânio, me aproximei da mais velha e perguntei:

– Você é criminosa de guerra?

Ela virou para mim os olhos sem vida e cuspiu a resposta:

– Não sou criminosa coisa nenhuma. Nem minhas irmãs. No ano passado, uns porcos bósnios mataram meus pais e passaram quatro dias estuprando minhas irmãs e a mim. Se pudesse, daria um tiro em todos os porcos bósnios. Quebraria a cabeça deles. Mataria todos.

As irmãs devem ter entendido o que ela dizia, porque também viraram os olhos sem vida na minha direção. O choque da explosão, a cabeça latejando, a raiva galopante, os olhos sem vida das meninas sérvias, o mito das Fúrias – tudo isso de repente pareceu se encaixar para formar algo que me parecia predestinado.

Os bósnios algemaram as meninas a cadeiras de madeira pesadas, chumbadas no piso da delegacia, e trancaram as portas. Os telefones fixos não funcionavam. Nem as primitivas torres de telefonia celular. Porém, fui informado de que poderia esperar ali até que uma força de paz fosse chamada para levar as meninas sérvias e a mim até um local mais seguro.

Quando o bósnio que falava inglês saiu da sala, aninhei minha arma nos braços, cheguei mais perto da menina que tinha falado comigo e perguntei:

– Você acredita em destino?

– Me deixe em paz.

– Acredita em destino? – insisti.

– Por que está me perguntando isso?

– Pelo que vejo, como criminosa de guerra capturada, seu destino é morrer
– respondi. – Se você for condenada por matar dúzias de rapazes desarmados, isso é genocídio. Mesmo que você e suas irmãs tenham sofrido um estupro coletivo antes, vão ser enforcadas. É isso que acontece nos casos de genocídio.

Ela ergueu o queixo, altiva.

– Não tenho medo de morrer pelo que fizemos. Nós matamos monstros. Era justiça. Restauramos o equilíbrio onde ele não existia mais.

Monstros e Fúrias, pensei, cada vez mais animado.

– Pode até ser, mas vocês vão morrer mesmo assim e sua história vai acabar. – Fiz uma pausa. – Mas talvez seu destino seja outro. Talvez tudo na vida de vocês tenha sido uma preparação para este momento específico, para este lugar, nesta noite, aqui e agora, quando nossos destinos se cruzariam.

Ela parecia confusa.

– Que história é essa de destinos se cruzando?

– Vou tirá-las daqui – falei. – Conseguirei documentos novos para vocês, vou escondê-las e protegê-las para sempre. Vou dar a vocês uma chance de viver.

Seu olhar endureceu outra vez.

– E em troca?

Olhei dentro de seus olhos e pude ver sua alma.

– Vocês estarão dispostas a enfrentar a morte para me salvar, como vou enfrentar a morte agora para salvar vocês.

A mais velha das três me olhou de lado. Então se virou e começou a falar com as irmãs em sérvio. Elas passaram um bom tempo discutindo em sussurros ásperos.

Por fim, a que falava inglês perguntou:

– Você pode nos salvar?

O barulho na minha cabeça persistia, mas a névoa havia desaparecido, proporcionando uma clareza mental que era quase elétrica. Assenti com a cabeça.

Ela me encarou com aqueles olhos escuros e sem vida e disse:

– Então salve.

O bósnio que falava inglês tornou a entrar e me chamou:

– Que mentiras esses demônios estão contando?

– Elas estão com sede – respondi. – Precisam de água. Conseguiram fazer a ligação?

– Ainda não – respondeu ele.

– Que bom – rebati, soltando a trava de segurança da submetralhadora enquanto virava o cano para os homens que haviam capturado as Fúrias. Abri fogo e matei todos eles.

INFORMAÇÕES SOBRE
OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br